

O FED – BANCO CENTRAL AMERICANO É UM GRANDE TRAPALHÃO

Prof. Alvaro Guimarães de Oliveira

Rio, 26/06/2016.

Após a crise econômica de 2008, o Fed (o Banco Central americano) comprou títulos tóxicos dos bancos que estavam em grandes dificuldades financeiras e emitiu muito dinheiro (QE – Quantitative Easing).

O objetivo era salvar os bancos ameaçados de quebrar e dar liquidez à economia para que ela voltasse a crescer com maior vigor, mas isto não aconteceu até o presente momento. Por que?

O Fed, no arranjo financeiro atual, repassa dinheiro aos bancos e estes, de acordos com suas estratégias operacionais têm a opção de repassá-lo, ou não, para desenvolver as suas atividades econômicas.

Os bancos optaram não repassar o dinheiro e o deixaram depositado, em reservas voluntárias, no FED. Este, por sua vez, percebendo que esta montanha de dinheiro, em poder dos bancos, poderia provocar uma hiperinflação, passou a pagar uma taxa de juros (0,25% a.a.) sobre todas as reservas depositadas pelos bancos para que as retivessem no FED e, com esta atitude, o BC americano se meteu numa grande armadilha, conforme veremos a seguir.

Esta estratégia do Fed, de encher os bancos de dólares e ainda pagar juros sobre os depósitos dele, levou a taxa interbancária (FFR) a zero e a taxa paga por ele – 0,25% a.a. - passou a ser taxa básica de juros da economia.

COMO SAIR DA ARMADILHA

Como o Fed poderá aumentar a taxa de juros se os bancos estão abarrotados de dólares, com uma liquidez absoluta e total? Por que os bancos tomariam dinheiro emprestado se não precisam?

Vejamos os caminhos que o Fed poderá seguir para sair da armadilha em que ele mesmo se meteu:

- 1) Enxugar a maior parte desta liquidez vendendo os títulos podres de volta aos bancos. Lembremos que os bancos já conhecem muito bem, estes títulos, e sabem também quanto valem, com certeza muito menos do que receberam do Fed por eles.**

Sendo assim os títulos possuídos pelo Fed terão uma brutal perda de valor e os juros, conseqüentemente, subirão significativamente. E, ao final, o Fed registrará um enorme prejuízo colocando, com certeza, parte do seu passivo a descoberto.

- 2) Alternativamente o Fed poderá aumentar a taxa juros sobre os depósitos voluntários dos bancos, mas isto, também, apresenta um enorme problema para ele: Se o fizer, o Fed reduzirá substancialmente os seus lucros e, conseqüentemente, diminuirá significativamente o seu repasse anual de recursos para o Tesouro aumentando, desta maneira, o déficit público americano.**

Além disso, com o aumento dos juros os bancos, em função da falta de tomadores, estarão mais inclinados a depositar ainda mais no Fed, fazendo com que ele pague muito mais juros, conseqüentemente, reduzindo mais ainda os seus repasses para o Tesouro.

E mais ainda, os valores dos títulos possuídos pelo Fed sofreriam uma enorme perda de valor.

- 3) Se o Fed começou pagando juros de 0,25% a.a. aos bancos, pelos seus depósitos voluntários no próprio Fed, receando que os bancos emprestassem muito e inflacionassem a economia, seria providencial, já que agora anseia por uma inflação de, aproximadamente 2% a.a., para que possa normalizar a taxa de juros, que passe a cobrar juros para guardar os depósitos voluntários dos bancos. Desta maneira, os bancos serão praticamente obrigados a emprestar mais e provocar a inflação desejada.**

- 3) Achamos que o melhor caminho é o Fed adotar a política do “helicopter money”.**

Ao contrário do que muita gente pensa, isto não significa emitir dólares e jogá-los de helicópteros sobre cidades e nem os emitir, sem

limitações, como fez a estratégia do “QE” (Quantitative Easing). Significa que o governo cortará taxas trabalhistas e, desta maneira, o dinheiro entrará livremente no bolso dos trabalhadores. Ou seja, os trabalhadores não pagarão IR sobre a diferença a maior que receberão, porque não houve aumento de renda, mas tão somente redução de taxas.

Esta política induziria a um aumento rápido do consumo o que, teoricamente, levaria a um aumento da inflação.

AS CONTRADIÇÕES DO FED

Primeiro o Fed, em plena crise de 2008, uma situação provocada pelo excesso de crédito e endividamento, adquire os títulos tóxicos dos grandes bancos, que foram os maiores responsáveis pela crise, com o argumento de que estavam dando liquidez aos bancos para emprestarem e fazerem a economia voltar a crescer.

É difícil acreditar que o Fed fosse tão ingênuo ou desinformado. Como emprestar, se as empresas e os consumidores estavam super alavancados? Eles estavam mesmo era num processo de desalavancagem financeira, isto é, lutando para reduzir os seus respectivos endividamentos e, claro, não estavam dispostos a se endividarem mais ainda.

Como era de se esperar os bancos, por falta de tomadores, depositaram voluntariamente os recursos recebidos do Fed no próprio Fed.

E aí, novamente, uma grande contradição. Quando os bancos passaram a pagar uma taxa maior de seguros, sobre valores depositados voluntariamente, o Fed resolve pagar uma taxa de juros, aos bancos, sobre os seus depósitos voluntários, de 0.25% a.a., alegando que era para incentivá-los a permanecer com os seus depósitos voluntários com ele – o Banco Central americano e evitar inflação. Não dá para entender, sabendo-se que o Fed estava almejando uma taxa de inflação de 2% a.a., para iniciar a normalização da taxa de juros americana. Se não há crédito para a economia, como haverá inflação?

AUMENTA A DESCONFIANÇA EM RELAÇÃO AO DÓLAR

O Fed tem dois objetivos: cuidar do valor do dólar e da taxa de emprego da economia americana.

O Fed deveria deixar de existir quando o analisamos sobre o atingimento dos seus objetivos. O dólar, desde a criação do Fed em 1913, já perdeu mais de 95% do seu valor e a economia americana, no mesmo intervalo de tempo, já registrou mais de 10 recessões.

A falta de solução consistente para o imbróglio, em que o Fed se encontra, só faz aumentar a falta de confiança do dólar como reserva de valor internacional. A Rússia já comprou mais de mil toneladas de ouro nos últimos 5 anos e a China mais de 3.000 toneladas. Além disso, a China tem investido, pesadamente, em títulos denominados em DES, do FMI.

O DES e o Yuan, da China, são fortes candidatos a preencher o espaço perdido pelo dólar.

A PRECIFICAÇÃO DO PETRÓLEO É AMEAÇA AO DOLAR

O Presidente Obama, no seu discurso sobre o Estado da União em 27/01/2010, fez uma declaração oficial de uma nova guerra cambial: “dobraremos nossas exportações nos próximos cinco anos”.

Esta meta só poderá ser atingida se o dólar for bastante desvalorizado.

Os EUA, desta maneira, estão dizendo que o dólar mais barato é mais importante do que as promessas com os seus parceiros comerciais.

A resposta do FMI à ameaça americana de desvalorização do dólar, foi o lançamento de um documento para a implementação de uma nova moeda de reserva cambial: Direito de Saque Especial (DSE). Logo depois, o FMI anunciou que o Yuan seria incluído na cesta de moedas utilizadas para determinar o valor do DSE.

A resposta da Rússia e da China à política de desvalorização do dólar, pelos EUA, foi a compra de ouro em grande quantidade.

A resposta da Arábia Saudita é a mais ameaçadora de todas para o dólar: ameaçam fazer dumping de seus títulos do Tesouro americano e, também, de escolher o yuan ou o DSE para precificar o petróleo. Se isto

acontecer o petrodólar será morto e enterrado e o EUA terão um prejuízo incalculável.

Vale lembrar que uma das grandes causas do domínio do dólar nos últimos trinta anos, como reserva de valor internacional, foi o brilhante acordo do petrodólar selado entre EUA e Árabes.

Neste acordo “os sauditas concordariam em precificar o petróleo em dólar, em investir seus dólares em títulos do Tesouro americano e em depósitos de eurodólar, em bancos americanos. Em troca, os EUA estabilizariam o valor de troca do dólar e concordariam em vender armas modernas para a Arábia. A cereja do bolo é que os bancos americanos reciclariam os petrodólares como empréstimos para mercados emergentes na América Latina, Sul da Ásia e África”.

Conclusão: como todos os países são ainda dependentes e consumidores vorazes do petróleo, a moeda que for ungida para precificar o petróleo terá uma procura fenomenal e será imensamente beneficiada, assim como o dólar foi.

Já o dólar, ao perder este status, deverá se desvalorizar fortemente e perder o seu reinado como a moeda de reserva de valor internacional.

Para finalizar, gostaria de acrescentar que o Fed dificilmente aumentará a taxa de juros, ainda este ano.

Só em sugerir que vai aumentá-la, o dólar fica mais forte e as importações americanas se tornam mais baratas o que é deflacionário e, evidentemente, a inflação não deverá atingir o objetivo de, no mínimo, 2% a.a. Além disto, como atingir a meta de Obama de dobrar as exportações, em cinco anos, com o dólar mais caro?

Nossos Endereços:

www.forumdecontabilidade.com.br

www.idago.com.br

Canais no Google+:

**Revolucionando a Contabilidade
Instituto Digital AGO**

No YouTube: alvaro oliveira

**No Facebook: Alvaro Guimarães de Oliveira
Casa da Contabilidade e
Fórum de Contabilidade**

Fones: (21) 99998-8672 e 2249-4437

Número do Skype: Agoliveira 1000

**Prof. Alvaro Guimarães de Oliveira
Av. Borges de Medeiros, 239/1102.
Leblon – CEP -22430-041
Rio de Janeiro – RJ.**